

# LEITURA ANALÍTICA DO POEMA *TABAGISMO* DE SÉRGIO DE CASTRO PINTO: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

OLIVEIRA, Gabriela Santana de ( POSLE/UFCG)O  
Orientador: José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

## RESUMO:

Sérgio de Castro Pinto é um poeta paraibano que desde 1967 tem publicado obras que foram agraciadas com premiações e a inclusão de seus poemas em antologias nacionais que contemplam autores contemporâneos. No entanto, sua poesia ainda é desconhecida entre grande parte dos leitores brasileiros, embora apresente qualidade estética. Nesse sentido, a presente pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa centra-se em uma leitura analítica do poema: *Tabagismo* publicado na obra *O Cristal dos Verões* (2007) com o intento de conhecer de que maneira o poeta retrata temas do cotidiano em sua lírica. A partir desse aspecto estético recorrente, elaboramos uma proposta de sequência didática para o Ensino Médio visando discutir possibilidades de abordagem da poesia castropintiana à luz da Estética da Recepção. Para tanto, dividimos a sequência nas quatro etapas elencadas por Cosson com vistas a repensar possibilidades de inserir vozes da lírica contemporânea paraibana no âmbito do ensino, o que nos leva a repensar formas de se trabalhar a leitura efetiva do texto literário sem cair no historicismo ainda presente no currículo de literatura, na prática de muitos docentes e principalmente, nos livros didáticos. Sendo assim, fundamentamos teoricamente esse trabalho com as discussões de: Barbosa Filho (1989), (2008), Brito (1995), Cosson (2006), Curtius (1996), Jauss (1994), Perrone Moisés (1998), Pinheiro (2007), dentre outros.

**Palavras-chave:** Ensino, poesia, tabagismo, sequência didática, Estética da Recepção.

## Introdução

Repensar a literatura no âmbito da sala de aula é navegar por mares desconhecidos para muitos professores, visto que, o historicismo ainda vem sendo reproduzido pelo livro didático e conseqüentemente, na prática docente. Ao longo do presente estudo compreendemos que a chegada da História da Literatura no ambiente escolar provém da influência do caráter retórico da educação grega que acabou sendo mal interpretada pela escola.

Nesse interim, a proposta desse trabalho pauta-se na leitura analítica do poema: *Tabagismo* da obra poética *O Cristal dos Verões* (2007) do paraibano Sérgio de Castro Pinto. Temos consciência de que poderíamos ter escolhido outros poetas mais

conhecidos, contudo, almejamos adentrar na poética desse autor porque ela possui valor estético e tem sido contemplada em diversas antologias publicadas no Brasil e no exterior.

Desde 1967 a poesia de Castro Pinto tem atuado na literatura paraibana, trazendo em sua primeira fase uma proposta neo-vanguardista do Sanhauá, ao aglutinar em sua poética o lirismo cabralino. Mesmo com sua atuação tanto no período de vigência do Sanhauá como na segunda fase de sua produção literária, a poesia de Castro Pinto permanece desconhecida entre o grande público-leitor do Brasil. O que nos motivou a estudar profundamente os procedimentos estéticos utilizados para posteriormente elaborarmos uma proposta de sequência didática para ser trabalhada no Ensino Médio.

Para realizarmos essa associação entre a parte crítica e o ensino, discorreremos sobre o papel da Estética da Recepção como elo entre a teoria e a prática. Essa vertente teórica embora não seja eminentemente pedagógica, tem contribuído para o campo do ensino, tendo em vista que ela busca repensar o papel do leitor no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, buscaremos conhecer mais detidamente a análise do poema *Tabagismo* lançando mão de uma Sequência Didática Básica e suas etapas, possibilitando assim abordagens com o poema do autor paraibano como forma de incentivo à formação de leitores de poesia.

## **1 Algumas considerações sobre a História da Literatura e sua chegada ao ambiente escolar**

Segundo Curtius (1996) a literatura passa a fazer parte da educação desde os gregos. Como tinham na figura do poeta, especificadamente em Homero toda a sua tradição, à literatura passou a ser uma disciplina escolar.

O ensino da literatura na Antiguidade Clássica era voltado para os homens livres, o que ficou conhecido como as “Artes Liberais” (CURTIUS, 1996, p. 72). Diferentemente do conceito de arte que temos hoje, elas correspondiam às disciplinas que se estudavam na época. Entretanto, a literatura ainda não estava inserida nesse currículo escolar.

Posteriormente, na Idade Média, as “Artes Liberais” continuaram a simbolizar o “único patrimônio do saber” (CURTIUS, 1996, p. 72), visto que elas possibilitaram o crescimento intelectual do cidadão livre. Além dessa representação que elas exerciam

no contexto do medievo, as Artes Liberais foram ampliadas em sete disciplinas sendo elas: Gramática, Retórica, Dialética, Geometria, Música, Astronomia.

A literatura nesse momento confundia-se com a própria gramática. Esse fato se deve a terminologia de ambas às palavras. No grego *gramma* significa letra, o que fez surgir à palavra gramática. Já no latim a palavra literatura provém de *littera* que também significa letra. Essa conotação da palavra, não fez a literatura apresentar uma conceituação semelhante a que temos hoje. Com o surgimento das universidades, a educação medieval sofreu influências devido à florescência de um novo pensar sobre o saber e principalmente a literatura, pois a França e a Alemanha passam a trazer contribuições cada vez. Nesse sentido, o ensino da História da Literatura por ser voltado para a erudição, limitou os seus objetivos ao ato de agregar valores éticos e morais que deviam ser seguidos pelos alunos.

De acordo com Perrone Moisés (1998, p. 21), após surgir como disciplina acadêmica, a História da Literatura sofreu um período de crise devido ao avanço do Positivismo, o que ocorreu devido ao “princípio de causalidade” a busca de objetividade, a noção de progresso. Essas preocupações embora fossem de cunho histórico não conseguiam abarcar os “fatos estéticos” da obra literária.

No âmbito da sala de aula, esse positivismo na História da Literatura tem sido refletido no próprio currículo oficial e as divisões do livro didático. Em lugar de se utilizar esses aspectos históricos como elementos de fruição do texto conforme defende Perrone Moisés (1998), o que ocorre é um ensino pautado na memorização de escolas literárias. Assim como material que chega a escola, a prática pedagógica do professor também reflete o que os livros didáticos fazem. O ensino da literatura se sustenta na biografia dos autores e características de estilos de época e formas fixas, o que ignora totalmente o texto literário como ponto de partida para se compreender o valor estético e as implicações históricas contidas nelas.

Quanto ao ensino de poesia, percebemos que essa problemática se torna mais agravante no ambiente escolar. Se no estudo das obras em prosa há uma ausência da leitura desses textos, a poesia torna-se ainda mais excluída da escola. Conforme assevera Pinheiro (2007, p. 17) a poesia é o gênero menos prestigiado nas aulas de literatura, no qual dentre os principais problemas temos questões voltadas para a metodologia. Mesmo que muitos desses professores tenham formação em letras, sentem-se despreparados para trabalhar com a poesia em sala de aula. É de suma

importância que primeiramente o professor seja um leitor de poesia para posteriormente buscar formas de levá-la para os alunos.

Acreditamos que a leitura do texto poético tem peculiaridades e carece, portanto de mais cuidados que o texto em prosa. Não se trata de valorizar mais este ou aquele gênero literário. Trata-se de estar mais atento a procedimentos e cuidado específicos que convêm a cada gênero. Tendo em vista que a poesia é dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la deve ser feita de forma planejada. (PINHEIRO, 2007, p. 25)

A atitude planejada defendida por Pinheiro (2007) corresponde ao fato do professor conduzir as aulas de literatura que privilegiam uma sistematização que venha ajudar o discente a interligar o conhecimento aprendido, o que na proposta de nosso trabalho culminará com uma sequência didática a partir do poema: *Tabagismo*. Mesmo que essa postura de planejar não apresente a praticidade das atividades prontas do livro didático, uma proposta como essa possibilita uma melhor aprendizagem dos discentes, o que muitas vezes é limitado com o estudo isolado da História da Literatura.

Não é nosso objetivo ver a História da Literatura como um saber menos importante, mas temos o intento de pensá-la como um momento a ser trabalhado a partir da leitura do texto literário e as pistas e lacunas que o horizonte de expectativas do educando não esteja preparado para compreender.

## **2 Sérgio de Castro Pinto: o poeta do cotidiano**

Embora ainda não muito conhecido entre o grande público-leitor do Brasil, Sérgio de Castro Pinto tem uma poesia que marcou a literatura paraibana e tem demonstrado em seu projeto estético as facetas da poesia moderna.

A primeira fase de sua poesia esteve vinculada ao *Grupo Sanhauá* nos anos 60 e do qual foi membro, de forma que teve duas de suas obras publicadas: *Gestos Lúcidos*, (1996) e a *Ilha na Ostra* (1970). Segundo Barbosa Filho (2008, p. 66) a estética castropintiana nesse período ganhou destaque por apresentar uma poesia de linguagem substantiva, o verso elíptico que traziam “tributo às experiências das vanguardas dos anos 50 e 60”. (BARBOSA FILHO, 2008, p. 66).

A segunda fase é iniciada através da publicação da obra *Domício em trânsito e outros poemas* (1983) no qual ela se caracteriza pela libertação das influências

cabralinas através do que Barbosa Filho (2008) considera como “poesia mais solta”, pois, ela já não segue o poeta pernambucano tão fortemente como na época em que participou do Grupo Sanhauá.

A poesia da segunda fase, que para fins didáticos denominaremos de *Pós-Sanhau* traz um trabalho de reinvenção da linguagem através da adoção da metáfora, do jogo de palavras e principalmente de um lirismo existencial que cultiva elementos da interioridade humana e das “miudezas do cotidiano” (BARBOSA FILHO, 2008, p. 67).

Essa característica de valorizar situações e objetos do cotidiano fez Castro Pinto ser considerado o poeta do cotidiano. Tanto no plano temático como ideológico a lírica em Castro Pinto manifesta o interesse por objetos ou situações que remetem para o cotidiano. Por meio dessa valorização do que é aparentemente comum, o poeta renega os considerados grandes temas do gênero lírico o autor de *O Cristal dos Verões* (2007) é denominado por Brito (1995) como poeta do dentro.

[...]. Por mais que Sérgio se mostre um poeta atento aos elementos da realidade exterior, objetiva, ao mundo de fora, penso que, desde o início, há que como um interesse pelo mundo do dentro, pelas intimidades, pelas coisas domiciliares, o que o faz um **poeta do cotidiano**, da casa e dos seus compartimentos, mobília, etc. (BARBOSA FILHO, 2008, p. 49, grifo nosso).

O discurso lírico em Castro Pinto ao trazer uma linguagem compacta demonstra em sua estética a sua qualidade, de modo que o professor precisa ser leitor desse poeta e conhecedor dos procedimentos estilísticos presentes, o que depende inteiramente de sua formação e leitura contínua em conhecer o que o livro didático não contempla.

Sendo assim, mediante o conhecer outras leituras de poemas, o professor está fazendo o que Pinheiro (2007) classifica como atitude planejada. Como sabemos que Castro Pinto tem uma produção poética que lança mão da inventividade, sua obra vem ganhando reconhecimento por meio de premiações e a inclusão de seus poemas mais conhecidos em antologias. Assim, é importante que ela seja levada para a sala de aula, no qual a partir da leitura, os alunos possam perceber essas particularidades fugindo do estudo da literatura meramente informativo e de caráter historicista conforme discutimos anteriormente.

### **3 Uma leitura analítica do poema *Tabagismo*: possibilidades de trabalhá-lo em sala de aula**

O presente poema foi publicado no livro: *O Cristal dos Verões* (2007), a nossa proposta é analisa-lo para posteriormente elaborarmos uma sequência básica defendida na teoria do Letramento Literário em Cosson (2006) e discutirmos maneiras adentar no horizonte de expectativas dos alunos assim como defende à luz da Estética da Recepção em Jauss (1994).

### **Tabagismo**

Quando acho  
Uma imagem,  
Trago-o

E mais o trago  
Se não a encontro.

(de imagens  
E não imagens  
entulho os brônquios).

O próprio título do poema já traz uma temática cotidiana: o tabagismo, mediante a imagem do cigarro o poeta constrói o seu lirismo em meio ao cultivo das “miudezas do cotidiano” Barbosa Filho (2008, p. 67).

O primeiro ponto que nos chama a atenção do uso de um aparente erro de concordância entre o substantivo feminino “imagem” e o uso do pronome oblíquo “o”. Contudo, essa discordância de gênero conforme denomina Brito (1995) não é uma inadequação gramatical cometida pelo poeta paraibano.

Essa aparente confusão é de natureza figurada, o uso de “trago-o” remete a imagem do cigarro, de modo que, o pronome oblíquo “o” corresponde ao ato de tragar um cigarro, portanto não se trata do verbo trazer, mas do ato de tragar o cigarro. Em uma situação de sala de aula, os alunos precisam ser estimulados pelo docente, através desse recurso utilizado no poema, pode-se provocar uma motivação para que o aluno recepcione o poema, de modo a questionar esse procedimento presente em: *Tabagismo*. Ao tomar essa postura de atitude planejada, as aulas de literatura estarão menos expositivas e mais interativas, pois o estudo do poema não irá cair no historicismo dos livros didáticos.

[...]. Esperando pela força do hábito, uma figuração, o leitor é obrigado a desistir desse caminho fácil em que a estrutura provável seria “quando acho-a uma imagem trago-a”. Contrariamente, percebe-

se que toda a estrofe, é, de fato, denotativa, sobrepondo como atividades paralelas, o ato de criar (“quando acho/uma imagem) e o ato de fumar (“trago-o”). (BRITO, 1995, p. 203).

Segundo Brito (1995) o poema remete ao ato de fumar ao utilizar os campos semânticos “trago” do verbo “tragar”, “tabagismo” e “brônquios”. A partir do jogo de palavras entre o “a” e o “o” o poema sugere uma inquietação existencial do sujeito lírico diante do ato de fumar.

O processo de cultivo do “dentro” conforme discorre Brito (1995) corresponde à analogia que o poema faz entre o “processo físico de interiorização da fumaça dos cigarros nos pulmões do fumante” e “o processo de exteriorização da imagem poética” (BRITO, 1995, p. 202.).A “imagem” no contexto poemático é enfatizada como responsável por entulhar os brônquios dos fumantes, nos dando como mais uma possibilidade de interpretação o caráter metalinguístico do poema. O ato de criação poética é enfatizado na polissemia da primeira estrofe e nos sugere a possibilidade do poeta trazer essas imagens (a do fumo) cotidianas em seu lirismo.

Além desse teor metalinguístico, a própria inquietação diante da existência humana é enfatizada no poema, a partir dos verbos “tragar” a fumaça do cigarro e a sua consequência trágica que seria “entulhar os brônquios”.

A partir dessas inquietações sobre a vida diante das consequências que o tabagismo pode trazer para um ser humano, Castro Pinto mostra que por meio de uma linguagem enxuta seguida de tematizações cotidianas expressas na abordagem do fumo, o lirismo pode existir. Com reflexões em torno de temas que não são comuns na lírica tradicional, Castro Pinto promove um projeto estético de poesia lírica que se evidencia uma percepção de mundo que valoriza “o interesse pelo mundo do dentro” (BARBOSA FILHO, 2008, p. 49) o que dialoga diretamente com o que Brito (1995, p. 261) denominou como “poética do dentro” por privilegiar o espaço da interioridade que no poema se manifesta pelo ato de fumar.

#### **4 A Estética da Recepção como elo entre a teoria e a prática: uma proposta de sequência didática com o poema “Tabagismo”**

No livro: *A História da Literatura como provocação à teoria literária* o teórico Hans Robert Jauss ao discutir o método marxista e o formalista no âmbito dos estudos

literários, enfatiza que ambas as perspectivas privam a literatura da “dimensão de sua recepção e seu efeito” (JAUSS, 1994, p. 22).

A partir dessa teoria, o enfoque ao leitor faz o seu diferencial em um contexto que a literatura era estudada por aspectos históricos pela Escola Marxista e pela estrutura para os Formalistas. Na teoria da recepção o sentido de uma obra não se dá de forma isolada, pois o público é de suma importância no processo de recepção do texto. De acordo com Jauss (1994, p. 23) haviam limitações nas concepções defendidas pelos marxistas e os formalistas porque eles ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico.

Mesmo que a Estética da Recepção não seja uma teoria pedagógica, Jauss (1994) traz inúmeras discussões que se adaptam a esse ambiente. Conforme discutimos anteriormente, essas influências do Marxismo e do Formalismo são visíveis na maneira como o currículo oficial e o livro didático trabalham a literatura sem pensar no aluno – leitor que está querendo formar. O que vemos é uma tendência forte em se ensinar literatura de maneira ainda positivista, cujo discente aprende esses conteúdos através de uma “conexão de fatos históricos através de uma descrição objetiva das escolas literárias” o que reflete em uma prática de ensino voltada para a literatura enquanto acontecimento. (JAUSS, 1994, p. 24).

[...]. A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativas dos leitores, críticos e autores seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra. Da objetivação ou não desse horizonte de expectativa dependerá, pois a possibilidade de compreender a história da literatura em sua historicidade própria. (JAUSS, 1994, p. 26).

Além desse aspecto, Jauss (1994) nos leva a refletir que não é interessante que a literatura seja trabalhada enquanto acontecimento, cujo discente memorizará fatos históricos e formas fixas sem ter a oportunidade de experienciar à leitura efetiva do texto. Na teoria da recepção a partir do momento em que o docente trabalha o texto literário, ele permite que os discentes possam estranhar ou acolher essa leitura, temos o que Jauss (1994, p. 31) chama de mudança de horizonte, o que diz respeito ao momento em que o leitor confronta o seu horizonte de expectativas com a obra, causando um efeito estético.

Outro ponto significativo que é pertinente à Estética da Recepção que vai além da interseção entre o autor, texto e leitor, corresponde justamente às contribuições que

os leitores podem trazer mediante suas vivências, o que muitas vezes na sala de aula não é valorizado, pois o expositivismo das aulas silenciam a voz desses alunos, impossibilitando assim, uma convivência mais sensível com o texto.

Portanto, com vistas a possibilitar uma abordagem prática que dialogue com as contribuições da Estética da Recepção, nos deteremos a uma proposta de sequência didática que contempla o poema analisado anteriormente.

## **5 Proposta para a sala de aula: pondo em prática a atitude planejada**

Como o poema *Tabagismo* traz uma temática que é bastante divulgada na mídia e nos programas da saúde, provavelmente, ele pode ser bem recebido pelos discentes, porque, muitos podem conhecer alguém próximo ou da família que fuma ou até eles mesmos. Uma boa motivação que traga em discussão as experiências de vida dos educandos com o tema do tabagismo pode ajudá-los a receber melhor o poema, além de estabelecer uma interação.

Essa atitude permite que o aluno traga sua problematização da realidade ao ler um poema, pois quando não se prima por esse aspecto o sentido do poema e o possível efeito estético ou estética do efeito se esvaziam também. Para que muitos professores possam aperfeiçoar sua didática nas aulas de literatura, propomos uma sequência didática básica como defende Cosson (2006) para ser aplicada no Ensino Médio, preferencialmente em uma turma do 1º ano, porque está começando a estudar os gêneros literários, de modo que, ainda não está com tantas informações da História da Literatura em seu horizonte de expectativas.

É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2006, p. 46).

Dessa maneira, a proposta do presente trabalho busca discutir não essa sistematização como algo fechado, mas como uma possibilidade de trabalhar com o poema em sala de aula através da sequência básica que possui as seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação corresponde ao momento em que o aluno será preparado para entrar no poema. Poderemos levar embalagens de cigarros comerciais, também é interessante recorrer ao *datashow* para que todos possam ver as imagens e discutir com os alunos o que elas representam. O professor pode levar imagens de diferentes pessoas fumando e também mostrar as consequências do cigarro.

Sem emitir nenhum tipo de juízo de valor, sugerimos que o educador inicie uma discussão com os alunos. Após essas imagens, o docente tem a possibilidade de escrever em caixa alta o nome “TABAGISMO” no quadro e pedir aos discentes que relatem suas impressões diante dessa palavra, o que levará o educador a conhecer o horizonte de expectativas da turma. As possíveis perguntas para estimular o discente a interagir na aula podem ser as seguintes: alguém na turma fuma?, Vocês conhecem alguém próximo ou um familiar que seja fumante? Ou até outras perguntas elaboradas, o que depende da realidade da turma. Mediante esses questionamentos o professor estará criando condições para que o poema seja recebido pelos discentes.

Privilegiar o debate, sobretudo, por ser um instrumento democrático, por ser um momento de todos revelarem, se quiserem, seus pontos de vista, suas discordâncias, certos de que não estão sendo avaliados. (PINHEIRO, 2007, p. 79).

Uma postura como essa permite que o processo de leitura se dê de forma prazerosa como um instrumento democrático em sala de aula. É importante ressaltar que o educador não deve conduzir essas atividades como algo inflexível, pois uma postura como essa pode afastar os alunos da poesia.

Para Cosson (2006, p. 57) a introdução de uma sequência didática corresponde à apresentação do leitor e da obra. Não se trata de cair na memorização dos aspectos gráficos, no velho e conhecido estudo da vida e obra do autor. Essa etapa tem a finalidade de fazer Pinheiro (2007, p. 82) chama de uma boa apresentação do produto que no presente caso corresponde à apresentação da obra: *O Cristal dos Verões* (2007). Contudo, há que se ter o cuidado para não impor nada, pois na introdução estaremos despertando o gosto leitor dos alunos através de um “jogo de sedução” (PINHEIRO, 2007, p. 82) com o poema a ser lido.

O momento da leitura propriamente dita pode ser auxiliado com o uso de antologias para evitar que o professor perca tempo copiando os poemas no quadro. Como a nossa proposta contempla apenas um poema, o docente pode levá-lo digitado. O

poema será distribuído para os alunos realizarem uma leitura silenciosa, posteriormente é necessário ter atenção para que não seja nada enfadonho. Como sugestão, o educador pode levar uma música de fundo de acordo com o tom do poema e o seu ritmo para que os alunos possam acompanhar a leitura e compreender de forma instigante como o som, o ritmo e o tom são importantes para as significações da poesia.

Feito isso, teremos a interpretação, que não deve ser fechada, mas precisa estimular os discentes a falarem dos pontos que mais chamou a sua atenção. Caso o aluno tenha dificuldade, o educador pode dar o ponto de partida mostrando a dimensão lexical, sonora e semântica do poema, conforme fizemos na análise do poema.

Para finalizarmos a nossa proposta é proveitoso que essas atividades não tenham como fim uma prova, porém uma produção final que valorize a criatividade e o lúdico na sala de aula. Tendo em vista que temos o objetivo de incentivar a formação de leitores de poesia, é possível montar uma exposição na escola com cartazes que contenham versos de outros poemas de Castro Pinto. Uma atividade como essa permite que os demais da escola também conheçam os poemas, despertando interesse de outras turmas.

Sendo assim, as propostas defendidas nesse trabalho são possibilidades que são passíveis de adaptações. Além desse aspecto, a escolha por um poema de Castro Pinto ocorreu porque acreditamos que o aluno também deve ter acesso a poemas contemporâneos de sua realidade social e que apresentam qualidade estética como verificamos na análise de *Tabagismo*. Quanto à análise realizada, ela precisa ter a devida transposição didática do professor, de maneira que, ela não deve ser instrumento de imposição na hora da leitura, mas um ponto de partida que ajude os docentes a trabalharem os aspectos estéticos e históricos do poema como elementos que compõem a significação.

### **Considerações Finais**

A partir das discussões arroladas no decorrer desse trabalho, almejamos propor uma abordagem de ensino que oportunize o trabalho com a poesia, um gênero literário ainda marginalizado na sala de aula. Uma proposta como essa além de abrir possibilidades de se trabalhar com poemas no Ensino Médio, democratiza o acesso a autores contemporâneos como é o caso de Sérgio de Castro Pinto, mas que carecem de metodologias que desafiem a sala de aula. Portanto, ela não deve ser vista como uma

receita pronta, mas como uma possibilidade de incluir nas aulas de literatura um poeta ainda desconhecido em muitas salas de aula.

Ao assumirmos uma postura como essa, estaremos repensando um fazer pedagógico que abra portas para experiências de leitura desafiadoras. Para que isso ocorra, é preciso que nós docentes tomemos o hábito de ler poesia antes de querermos que nossos alunos sejam leitores, posto que, um dos grandes desafios do ensino da literatura está na falta de interesse dos educandos, o que requer um novo pensar diante da prática que desenvolvemos.

Sendo assim, acreditamos que mediante a busca de novas tecnologias, é possível incentivar a formação de leitores, mesmo que as facilidades do mundo capitalista provoquem resistências.

## **Referências**

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Sanhauá: Uma ponte para a modernidade**. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.

\_\_\_\_\_, **Arrecifes e Lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

\_\_\_\_\_, **O pó dos sábados, memória dos domingos!:** Sobre Sérgio de Castro Pinto. João Pessoa: Ideia, 2008.

BRITO, João Batista B. de. **Signo e imagem em Castro Pinto**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CURTIUS, Ernst Robert. Literatura e Educação. In:\_\_\_\_\_.**Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução Cabral e Paulo Rónai. São Paulo:Edusp, 1996, p. 71-98.

JAUSS, Hans Robert. **História Literária como Desafio à Ciência Literária**. Porto: Livros Zero, 1994.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PERRONE – MOSÉS, Leila. **Atlas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**Corpus:**

PINTO, Sérgio de Castro Pinto. **O cristal dos verões, poemas escolhidos: 40 anos de poesia (1967- 2007)**. São Paulo: Escrituras, 2007.